

Miquéias 5.2-4

Haroldo Reimer

Na literatura sobre o livro de Miquéias há um certo consenso de que este livro profético abriga vozes de épocas ou momentos históricos distintos reunidas no texto através de processos vivos de releituras. A grosso modo, maneja-se a tese de que conteúdos dos capítulos 1 a 3 do livro remontam ao profeta Miquéias de Moresete-Gat, na segunda metade do século VIII aC. Seria algo como o “escrito memorial de Miquéias” ou o “panfleto de Miquéias”. Para os capítulos 4 e 5 postula-se uma provável releitura exílica ou pós-exílica, que pressupõe os conteúdos anteriores, sobretudo já toma realizado o juízo e a desgraça anunciados pelo profeta. Sabidamente, há uma mudança abrupta de 3.12 para 4.1, isto é, do anúncio de um juízo radical passa-se em 4.1 para o anúncio de uma graça radical, que transsignifica as grandezas antes denunciadas e ameaçadas com um juízo. Com relação aos capítulos 6 e 7, haveria que trabalhar com a mesma hipótese de releitura continuada, embora haja autores que pensem até em um profeta homônimo do reino do Norte do período pré-exílico.

Sobre o texto de Mq 5.2-4 (na numeração da Bíblia Almeida), previsto para a pregação, trabalha-se, em geral, com dois pressupostos sedimentados na tradição. O primeiro tem a ver com o ‘corte’ do texto, que isola os versículos 2 a 4 de 5.1 (no texto hebraico = 4.14). O segundo pressuposto lê o texto sob o rótulo de ‘texto de anúncio messiânico’. Sobre ambos pressupostos há que se fazer alguns comentários para uma melhor compreensão do texto.

Com bons motivos, pode-se aceitar a tese de que em 4.8-5.3 (na versão de Almeida diminui-se um versículo a partir de 5.1, pois no texto hebraico 5.1 de Almeida equivale a 4.14) encontra-se “uma primeira camada da releitura do escrito memorial de Miquéias” (Kessler, p.197). A composição de 4.8-5.3 é constituída de três ditos (4.9-10; 4.11-13 e 4.14-5.3) que iniciam com a partícula “e agora” (hebraico: *we`attah*). Comum a todos os três ditos é que são dirigidos a figuras femininas mencionadas na forma singular: “filha de Sião” em 4.10,13 e “filha do flagelo” (alemão: *Tochter der Ritzung*) em 4.14 (leitura preferível em lugar de ‘filha de tropas’ - Almeida). Os três ditos tratam de um ‘tempo-agora’ e de sua ruptura ou transformação.

Em termos de conteúdo, em 4.9-10, fala-se de uma deportação; em 4.11-13, de gozações de povos vizinhos sobre a desgraça acontecida; em 4.14-5.3, do final do reinado davídico. Isso não precisa ser entendido como uma sequência temporal em sentido histórico restrito, mas, muito provavelmente, como alusão e reflexão conjunta aos acontecimentos da destruição de Jerusalém em 586 aC e a consequente deportação da elite e de parte do povo. Tematicamente, trata-se de três necessidades distintas advindas dessa ‘desgraça’ histórica: deportação, gozação e perda da autonomia política. Com isso também já se está direcionando a datação do conjunto de 4.14-5.3 e também do texto de Mq 5.2-4 como sendo de origem exílica ou até pós-exílica.

O texto de 5.2 (Almeida) tem uma relação estrutural e estilística com 4.8. Em ambos há uma alocação a uma grandeza (= “e tu”) seguida de indicação de nome de lugar. Ambos os textos falam do retorno de um governante antigo, respectivamente de um novo governante. Em 4.8 fala-se de “a ti virá”; em 5.2, de “de ti me sairá”. O versículo 4.8 serve, assim, como introdução antifônica aos três ditos (Kessler, 197).

Mesmo que não seja para a pregação, pelo menos para a reflexão exegética convém analisar 4.14-5.3 (BHS) como uma perícopie, ligada por sua vez ao conjunto maior de 4.8-5.3. Convém lembrar que a ligação estilística se dá justamente pela partícula “agora” (*we`attah* – uma olhada na disposição gráfica do texto na BHS ajuda neste sentido!). Em 5.2-4 (= BHS: 5.1-3) trata-se de um anúncio de um novo governante e para isso justamente o versículo 4.14 constitui como que a ‘folha negativa’ ou o pressuposto do anúncio. Igualmente convém ter presente que cada um dos ditos iniciados por “agora” indica para uma necessidade ou dor específica, mas derivada do conjunto da destruição de Jerusalém. O tempo da ‘desgraça’ é o tempo do “agora”.

No “agora” de 4.14-5.3 (BHS), a dor ou a necessidade já é expressa com a invocação: “filha do flagelo”. O termo hebraico *gedûd* significa em vários lugares “milícia, tropa”, mas é preferível, aqui, fazer a derivação da raiz verbal *gadad* com o significado de “impingir-se flagelos”; em Jr 48.37 usa-se o plural do termo para designar o ato de “impor-se machucados de flagelação”. Com isso, a abertura do versículo estaria já indicando a dor da situação, talvez até apontando para rituais de penitência. O nome “filha do flagelo” seria aqui, então, um nome simbólico-substitutivo para Jerusalém. Essa situação de dor é a seguir melhor expressa por um citado dentro de 4.14: “Sítio pôs-se contra nós, com a vara fere-se a face do juiz de Israel” (Almeida: 5.1). A indicação deve ser para a situação de 586 aC, na qual o governante da dinastia davídica é deportado, talvez até sob maustratos como se pode depreender de exemplos similares a partir da iconografia mesopotâmica. O “bater no rosto” é indicativo para situações de humilhação do outro (2 Rs 22.24; Is 50.6; Sl 3.8; Jó 16.10). O termo “juiz” pode ser relacionado ao governante (Os 7.7; Sl 2.10) e a escolha do termo da raiz hebraica *shpt* pode ter sido motivada para servir de aliteração para o termo “com vara” (da raiz *shbt*).

Em relação a essa situação de dor e perda neste tempo ‘agora’ da desgraça exílica ou pós-exílica, anuncia-se a vinda de um novo governante. O início de 5.1 (Almeida: 5.2) deve ser entendido de forma adversativa: em contraposição a Jerusalém flagelada indica-se para a Belém-Efrata redentora. A esperança por um novo governante provém da periferia. A associação com a tradição davídica é inegável, embora não se faça menção do nome de Davi. Da pequena Belém sairá aquele que será grande. Há um motivo de transformação de destino. Na expressão “de ti me sairá” deve-se entender o “me” como relacionado a Deus-Yahveh, embora em 5.3 (BHS: 5.2) se fale de Deus na terceira pessoa. Para Deus é que sairá o novo governante. Não se deve estranhar essa referência, pois a ligação Deus-governante pode ser verificada em outros textos (1Sm 16.1). Esse governante é relacionado com um tempo da origens “tempos antigos” e “dias da eternidade”. Provavelmente trata-se de uma expressão de estrutura mítica: o reinado em Judá está relacionado com o lugar histórico-mítico de sua origem: Belém. De Belém saiu Davi, de Belém sairá o novo governante, estilizado com ‘cores’ indicativas da dinastia davídica.

Em 5.3 (BHS: 5.2) há uma mudança de estilo. Agora fala-se de Yahveh na terceira pessoa. Deus é o sujeito e os israelitas são o objeto da ação tratada. Em termos de conteúdo, começa a decidir-se o conteúdo ‘messiânico’ deste texto. A referência da expressão “portanto” não fica totalmente clara; deve-se entender como indicativo de consequência do novo governante. A expressão “Yahveh os entregará (somente) até ao tempo” deve referir-se ao tempo do exílio ou das dores. A ‘virada’ da situação é indicada com “a que está em dores tiver dado à luz”; aí, então, começará um novo tempo. É inquestionável que a tradição messiânica posterior e, posteriormente, a interpretação messiânico-cristológica utilizou-se deste texto para, junto com outros elementos, ‘compor’ e esperança messiânica, no período intertestamentário e na época do Novo Testamento. Uma relação de 5.3 (Almeida) com Is 7.14 para sustentar o caráter messiânico tem poucos argumentos a favor a não ser o uso do verbo *yalad* / “dar à luz”. Em Miquéias, a esperança não é uma criança que vai nascer, mas quando tiver passado a dor *como* a de uma parturiente, então começará um novo tempo, com um novo governante. A menção da “que está em dores (de parto)” deve ser relacionado com 4.9-10. Aí, a dor do tempo “agora” da desgraça é *comparável* aos momentos de dor intensa de uma parturiente. Essa dor intensa da desgraça é anunciada como tendo fim, e aí começará o tempo da ‘virada’ com algumas consequências positivas para os filhos de Israel. Uma primeira consequência é indicada pela expressão “o restante dos irmãos voltará”, que pode estar indicando a volta do exílio e um novo começo.

Em 5.4 (BHS: 5.3) descreve-se mais duas consequências. As expressões “ele se manterá firme e apascentará o povo na força do Senhor” indica para a prática do governante e “e eles habitarão seguros” referem-se à nova situação do povo, no futuro da ‘virada’. Em 4.9-10 há um movimento para fora, para a insegurança do campo aberto; aqui em 5.4 há um movimento rumo à segurança, provavelmente na reconstrução e repovoamento da Jerusalém outrora flagelada. Neste novo tempo, o governante será engrandecido até os confins da terra. Há, pois, em 4.14 até 5.3 (BHS) os seguintes movimentos: “da humilhação do juiz de Israel vai-se para a pequena Belém-Efrata, e daí passando pelo tempo da superação da dor indo até o domínio universal” (Kessler, 228).

Embora haja uma tradição interpretativa neste sentido, o texto de Miquéias 4.14-5.3 (5.2-4) não trata especificamente de uma esperança ‘messiânica’. Anuncia-se somente a vinda de um futuro, novo governante, pois o título ‘messias’ sempre é usado em relação a um governante ungido *vivo* (1 Sm 2.10; 24.7,11; Sl 18.51), inclusive na referência a Ciro em Is 45.1). Esse novo governante provocará a ‘virada’ na esperança e na história do povo crente em Yahveh.

Referências

DEFREYN, Vanderlei. Miquéias 5.2-5. In: HOEFELMANN, V.; SILVA, J.A.M. da. *Proclamar Libertação*, São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 2001, p.29-33.

KESSLER, Rainer. *Micha*. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1999.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Miquéias: a voz dos sem-terra*. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 1996.